

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - PRODUÇÃO EDITORIAL**

**Alan Orlando
Anita Vasconcelos**

**UMA PERSPECTIVA VEG: A ELABORAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO
“LIBERTAÇÃO ANIMAL”**

PROJETO EXPERIMENTAL DE GRADUAÇÃO

Santa Maria, RS
2018

Alan Orlando
Anita Vasconcelos

**UMA PERSPECTIVA VEG: A ELABORAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO
“LIBERTAÇÃO ANIMAL”**

Projeto Experimental de Graduação
apresentado ao Curso de Comunicação
Social – Produção Editorial da Universidade
Federal de Santa Maria como requisito
parcial para obtenção do título de **Bacharel
em Comunicação Social – Produção
Editorial.**

Orientador: Prof. Dr. Leandro Stevens

Santa Maria, RS
2018

Alan Orlando
Anita Vasconcelos

**UMA PERSPECTIVA VEG: A ELABORAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO
“LIBERTAÇÃO ANIMAL”**

Projeto Experimental de Graduação
apresentado ao Curso de Comunicação
Social – Produção Editorial da Universidade
Federal de Santa Maria como requisito
parcial para obtenção do título de **Bacharel
em Comunicação Social – Produção
Editorial.**

Aprovado em 05 de dezembro de 2018.

Prof. Dr. Leandro Stevens (Orientador/UFSM)

Prof. Dr. Aline Dalmolin (UFSM)

Mauricio Fanfa (POSCOM/UFSM)

Santa Maria, RS
2018

*À comunidade vegetariana em Santa Maria.
Aos movimentos sociais.
Aos ativismos.
À luta contra opressões e preconceitos.
A todos que querem mudar o mundo.
Resistimos!*

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos que de alguma forma nos ajudaram e aconselharam, indicando caminhos na produção deste trabalho de conclusão de curso. À nossa família e amigos que nos apoiaram com amor, carinho e motivação durante toda a graduação. Ao nosso orientador Leandro Stevens pela paciência e dedicação de sempre. À Universidade Federal de Santa Maria por nos oportunizar experiências enriquecedoras, conhecimentos técnicos e teóricos, ensino gratuito e de qualidade. A todas as nossas professoras e professores que dedicam suas vidas em nos ensinar e em sermos melhores em todos os aspectos da vida.

Agradeço à minha família, meus pais Susana e Luís, minha irmã Thaís e minha namorada Lígia pelo apoio incondicional, respeito as minhas escolhas e, sobretudo, por todo amor e zelo destinados a mim. À TV OVO, referência de comunicação comunitária que tanto me inspira e me ensina sobre audiovisual e cidadania. A todos os meus colegas de TV OVO e de curso que tenho orgulho de chamar de amigos. Obrigado por tudo, com muito carinho, Alan.

Agradeço à meu pai, minha irmã e meus amigos por confiar em mim e estarem me apoiando nessa trajetória. Ao curso por mudar minha vida, ao estúdio 21 pelos ensinamentos em edição, ao grupo Vegs e Aliados Santa Maria no Facebook pela parceria e agradeço também ao meu companheiro de Projeto experimental Alan, que sem ele nada disso seria possível. Obrigada mãe por estar sempre comigo, Anita.

"Aos estudar as características e a índole dos animais, encontrei um resultado humilhante para mim."

Cartas da Terra, Mark Twain

RESUMO

O presente projeto experimental trata da criação do documentário expositivo “Libertação Animal” que discorre sobre o vegetarianismo e veganismo em três frentes: ética, saúde e meio-ambiente. O filme utiliza-se dos elementos que formam a comunidade vegetariana em Santa Maria - RS para trazer a tona uma discussão sobre a forma que tratamos os animais. O produto audiovisual tem o intuito de levar ao público geral questões mais avançadas como o especismo, utilizando uma linguagem simples e direta. Para o embasamento teórico pesquisamos obras de autores como Peter Singer (1975), Yuval Harari (2011), Melanie Joy (2015), e Bill Nichols (2010). No primeiro momento apresentamos uma discussão teórica sobre o tema e sobre documentário. Em seguida, relatamos como foram os processos de todas as etapas de produção desenvolvidas. O resultado do projeto foi um documentário de 22 minutos e uma investigação sobre as bases ideológicas dos movimentos anti-exploração animal.

Palavras-Chaves: Veganismo; Libertação Animal; Audiovisual; Documentário; Produção Editorial.

ABSTRACT

This experimental project deals with the creation of the documentary called “Libertação Animal” (Animal Liberation), that discusses vegetarianism and veganism on three fronts: ethics, health and the environment. The movie makes use of the elements that make up the vegetarian community in Santa Maria – RS to bring up a discussion about the way we treat animals. The audiovisual project aims to introduce advanced issues such as speciesism to the general public through a simple and direct language. For theoretical background authors such as Peter Singer (1975), Yuval Harari (2011), Melanie Joy (2015) and Bill Nichols (2010) were researched. At first, a theoretical debate on the documentary and its theme is presented. Next, reports on all stages of production and how they went are shown. The result of this project was a 22-minute documentary and an investigation into the ideological foundation of the anti-animal exploitation movements.

Keywords: veganism, animal liberation, audiovisual, documentary, media and communications.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Frame do documentário “Libertação Animal”. Imagem usada nos “respiros”.....	27
Quadro 1 - Ficha técnica do documentário.	33
Quadro 2 - Tabela de entrevistados e locações.	34
Quadro 3 - Tabela técnica de gravações.	35
Quadro 4 - Tabela de registro de gravações.	36
Quadro 5 - Tabela registro de andamento da pós-produção.	37
Figura 2 – Timeline do Premiere com as marcações feitas na decupagem.	37
Figura 3 – Antes e depois da correção de cor. Frame do documentário.....	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1 CONTEXTO HISTÓRICO	15
2.2 A RELAÇÃO ENTRE ANIMAIS HUMANOS E NÃO-HUMANOS.....	17
2.3 O VEGETARIANISMO	21
3 DOCUMENTÁRIO.....	24
3.1 DOCUMENTÁRIO EXPOSITIVO	24
3.2 DOCUMENTÁRIO – LIBERTAÇÃO ANIMAL	25
3.3 PROJETO DE DOCUMENTÁRIO	27
3.4 ROTEIRO BASE.....	30
4 DIÁRIO DE CAMPO.....	31
4.1 PRÉ-PRODUÇÃO	31
4.2 PRODUÇÃO	34
4.3 PÓS-PRODUÇÃO	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
APÊNDICES	46

1 INTRODUÇÃO

No contexto atual onde a nossa sociedade se encontra num estágio avançado de industrialização, a relação entre alimentação, saúde e meio-ambiente está muito em evidência. Como exploramos a natureza traz a tona questões sobre o uso de agrotóxicos, a monocultura, pecuária, desmatamento, crise hídrica, poluição, aquecimento global e conseqüentemente o futuro da humanidade. Novas percepções de nossa relação com o meio acarretam o surgimento de grupos politicamente engajados, que buscam conquistar e preservar direitos anteriormente ocultos ou absortos. Ou seja: não só fazermos com que os direitos já estabelecidos sejam cumpridos, mas também lutarmos para que novos direitos sejam criados para protegermos sujeitos e pautas políticas e sociais ainda não contempladas.

O vegetarianismo e suas derivações como o veganismo (também chamado de vegetarianismo estrito), muitas vezes são vistos apenas como hábitos alimentares. Porém, há diversas razões por trás da adoção dessas dietas, justificativas que transcendem a esfera nutricional. As pessoas não apenas escolhem parar de consumir alimentos de origem animal, mas os outros produtos, como roupas de pele, couro e lã ou cosméticos que fazem testes em animais. São muitos os motivos para essa transformação. O número de pessoas que resolvem promover essa mudança em suas vidas reflete uma tendência mundial em buscar um consumo mais ético, sustentável e saudável. Os estudos que comprovam a existência de riscos no consumo elevado de carne juntamente com pesquisas que evidenciam os benefícios de uma alimentação vegetariana para a saúde, colaboram para a procura da exclusão de alimentos de origem animal do cardápio das pessoas. Sendo assim, o público mostra-se cada vez mais preocupado com as conseqüências dos seus hábitos de consumo, principalmente os impactos promovidos pela pecuária e as condições de vida dadas aos animais usados nas produções.

Os indivíduos que adotam os ideais vegetarianos, definem uma forma de consumo que vai contra a maioria da população mundial. Culmina-se na formação de um grupo de pessoas com o mesmo objetivo de pôr-se fim a exploração animal. O movimento pró-libertação animal como é o veganismo, na maioria das suas manifestações, tem um caráter ativista muito forte. O ativismo alimentar é considerado um movimento heterogêneo, envolvendo complexos aspectos como cultura, sociedade, economia, ética, saúde e ambientalismo. O ativismo “veg” se dá muito pela posição de minoria dele e também da difícil missão de enfrentar um sistema industrial e cultural de exploração animal implementado desde os

primórdios da humanidade. Alguns autores como Castells (1999) categorizam o veganismo como um movimento de contracultura, por ir contra o status quo vigente.

Vivemos na pós-modernidade e o vegetarianismo está em amplo crescimento. A porcentagem de adeptos no mundo cresce em maior número a cada ano. Nascimento (2007) afirma que no Brasil, são muitos os sinais do crescimento do número de seguidores e simpatizantes. Tal fato pode ser notado ao observarmos o aumento da oferta de produtos alimentícios veganos, além da multiplicação de restaurantes e outros estabelecimentos que clamam vender produtos “naturais” e “orgânicos”. Outra evidência apontada pela autora é o acréscimo de publicações, reportagens e discussões sobre o tema.

Segundo IBOPE (2018), 14% da população brasileira se declara vegetariana, o que representa 30 milhões de pessoas. Além disso, a pesquisa aponta o crescimento de 75% do número de vegetarianos nas regiões metropolitanas comparado com um estudo feito em 2012. Outro dado notável foi a constatação de que 55% dos brasileiros consumiriam mais produtos veganos se as embalagens indicassem que são livres de qualquer ingrediente de origem animal. Isso mostra um interesse da população em geral em consumir produtos veganos.

Ao chamarmos os animais de “animais não-humanos”, assumimos que todos somos animais, sendo eles animais não-humanos e nós animais humanos. Esta designação utilizada pelos movimentos pró-direitos dos animais revela um posicionamento de igualdade entre todos os seres, deixando o antropocentrismo de lado, indicando que todos fazemos parte de um grande ecossistema. O mesmo pode-se dizer quando chamamos “ética interespécie” e não “ética animal” quando discorremos sobre questões éticas entre os seres.

A **justificativa** de produzir nosso documentário surge da observação de que Santa Maria é uma das cidades não só do Rio Grande do Sul, mas do Brasil, que mais tem estabelecimentos culinários que favorecem as demandas alimentícias de quem busca a proteção dos animais não-humanos. Pode-se considerar que a cidade ainda tenha muitos poucos espaços assim, porém, comparando com o resto do país, Santa Maria está à frente e mostra-se cada vez mais aberta a servir esse público. Nossa proximidade com pessoas que resolveram se posicionar a favor dos animais através da mudança em suas dietas e formas de consumo, foi uma das razões que inspirou a criação deste projeto experimental. Ao conversarmos com esses indivíduos, um mundo inteiro se abriu para nós e começamos a questionar a forma que a humanidade escolhe consciente ou inconscientemente tratar os animais não-humanos.

Conforme nossa pesquisa sobre libertação animal se desenvolvia, conceitos novos foram sendo descobertos. Encontramos produções acadêmicas nas áreas de nutrição, biologia,

antropologia, marketing e principalmente filosofia. Entretanto, percebemos que o assunto ainda é pouco pesquisado, ainda mais se tratando de comunicação social. Na pesquisa para o estudo da arte, nenhum documentário tratando sobre o tema em Santa Maria foi encontrado. O mais próximo obtido foi uma reportagem na TV local sobre estabelecimentos “vegs” em 2015. A peça jornalística numerava em torno de 20 estabelecimentos do tipo na cidade e abordava o vegetarianismo como uma “tribo” e algo “exótico”.

O artigo "Consumo, ética e natureza: o veganismo e as interfaces de uma política de vida" de Aline Trigueiro (2013), trata sobre a percepção da constituição e da proposta do ativismo vegano como uma manifestação social. Além disso, levanta questões ético-morais sobre como vivemos. Também são relevantes na pesquisa da autora os três diferentes enfoques dados para a questão do veganismo: a sua bandeira de luta (formas de ativismo e ação política); o postulado ético inerente às suas reivindicações (base filosófica) e o estilo de vida exigido de seus adeptos (as práticas de consumo).

Em sua dissertação de mestrado em comunicação “#Govegan: veganismo, vegetarianismo e dever moral nos enquadramentos da mobilização pelos direitos animais no Brasil”, Camila Carbornar (2016) procura respostas para uma problemática de extremo interesse: “como estabelecer um debate sobre a abolição animal pelo fim do status de propriedade a que os animais são submetidos?”.

Mayra Ferrigno (2012) em sua qualificação de mestrado em antropologia social “Veganismo e Libertação Animal: um estudo etnográfico” pesquisa a formação e a dinâmica do veganismo como um movimento político em território brasileiro, expondo as principais discussões que mobilizam os ativistas na busca da emancipação dos animais na sociedade. Sua pesquisa é orientada pelo debate antropológico contemporâneo, voltado para observação das relações entre humanos e não-humanos.

Durante nossa pesquisa de estudo da arte, verificamos um aumento nas produções audiovisuais nos trabalhos de conclusão de curso dos estudantes de comunicação social da UFSM. Este projeto experimental espera agregar às pesquisas, assim como motivar novos pesquisadores a estudarem o tema vegetarianismo e seus múltiplos aspectos. Não encontramos documentários produzidos em âmbito acadêmico que tratem sobre o assunto abordado por nós, porém observamos que a linguagem documental está em alta como nunca antes, graças a plataformas de *streaming* como a Netflix. Normalmente documentários não têm espaço para exibição como filmes de ficção tem, serviços assim levam ao grande público os documentários. Dentro do universo de documentários que lidam com questões sociais, há uma vasta coleção de obras que falam sobre meio-ambiente, indústria, alimentação, saúde e

veganismo. São filmes como: “Cowspiracy”, “Speciesism: The Movie”, “Forks Over Knives”, “Food Inc”, “Live and Let Live”, “Terráqueos”, etc. Em nossa pesquisa, podemos observar que documentários como esses juntos com vídeos vazados de animais sendo mal tratados pela indústria, são grandes motivadores para a adoção de uma vida “veg”.

Com a criação do documentário “Libertação Animal”, temos como **objetivo** iniciar um debate abrangente sobre libertação animal, que saia da comunidade vegetariana e do contexto acadêmico, chegando até o público em geral. Por fim, deseja-se criar um produto audiovisual que aborde o **tema** vegetarianismo de uma forma natural, ao contrário das muitas vezes que o assunto é retratado na grande mídia como algo “estranho”, “esquisito” ou apenas uma prática de uma tribo “alternativa”.

É importante dizer que quando um documentário é criado, como todo produto audiovisual, é feito um recorte da realidade de acordo com os olhares e escolhas de seus autores. Esse recorte acontece desde a ideia audiovisual, escolha dos entrevistados e as perguntas feitas para eles, até a edição e finalização do filme. A partir do momento em que se enquadra uma imagem, acaba-se deixando de mostrar diversas outras imagens que estavam ao redor. Sobre o conjunto de escolhas feitas em produções deste tipo:

Documentário é também resultado de um processo criativo do cineasta marcado por várias etapas de seleção comandadas por escolhas subjetivas desse realizador. Essas escolhas orientam uma série de recortes, entre concepção da ideia e a edição final do filme, que marcam a apropriação do real por um discurso. (PUCCINI, 2009, p. 177)

O assunto discutido em nosso documentário é muito rico e rende diversas discussões. Gravamos mais de 3 horas e meia de depoimentos, sendo entrevistadas ao todo seis pessoas. Dentre elas estão uma acadêmica de nutrição, uma acadêmica de biologia, um acadêmico de história, um ativista da causa animal, um empresário dono de um restaurante vegano e um filósofo especialista em Ética Interespécie. Desde o princípio decidimos que o documentário teria uma média de 20 – 25 minutos, o que foi um desafio e tanto, considerando que cada entrevista gravada tem no mínimo 30 minutos de duração. Deste modo, a cada corte do filme, fomos limitando mais e mais o assunto tratado até chegarmos a uma abordagem satisfatória sobre nosso tema.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, trataremos sobre as estruturas que mantêm a exploração animal ativa e próspera até hoje. Começamos trazendo um histórico sobre a forma que nós humanos interagimos com os animais e plantas partindo da revolução agrícola até chegar aos tempos atuais. Em seguida, desenvolveremos a ideia de especismo, fator de grande importância junto a nossa relação com a natureza. Concluiremos o capítulo refletindo sobre algumas possíveis soluções para os problemas apresentados.

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO

“Eu não tenho dúvidas de que é parte do destino da raça humana, na sua evolução gradual, parar de comer animais, tal como as tribos selvagens deixaram de se comer umas às outras quando entraram em contato com os mais civilizados.” (Walden ou A vida no bosque, Thoreau)

Durante 2,5 milhões de anos a humanidade vivia na base da caça e coleta de alimentos. Porém, cerca de 10 mil anos atrás, ocorreu uma grande reviravolta na forma em que interagíamos com a natureza. Os seres humanos começaram a domesticar plantas e animais, o que ocasionou a chamada Revolução Agrícola. Homens e mulheres que antes viviam nômades, caçando e colhendo o que a natureza produzia espontaneamente, agora se estabelecem em um lugar fixo, dedicando suas vidas à agricultura e pecuária (HARARI, 2016).

O historiador Yuval Noah Harari (2016) afirma que a Revolução Agrícola é “A maior fraude da humanidade”. Segundo ele, antes da revolução, o alimento disponível era diverso e os caçadores-coletores tinham uma dieta balanceada. Vivíamos livres, com muito mais tempo para recreação. Quando deixamos essa forma de subsistência para trás, acabamos ficando reféns de grãos como o trigo e a soja para sobreviver. No processo de domesticação, acabou-se descobrindo que poucos animais e plantas eram domesticáveis, comparados com o resto da flora e fauna do planeta. O ser humano passou a investir muito tempo na preparação da terra e a depender de poucas fontes de alimento. Se uma plantação fosse infestada por uma praga ou simplesmente não chovesse, isso poderia seriamente colocar em jogo a vida de toda a família que a cultivava.

Harari (2016) aponta diferentes visões que podemos ter sobre o “sucesso” de uma espécie. A primeira é a quantidade de integrantes dessa espécie. Se uma espécie tem um

grande número de integrantes quer dizer que ela obteve sucesso, certo? A revolução agrícola possibilitou que os seres humanos produzissem comida suficiente para que houvessem explosões populacionais, entretanto isso custou um preço alto, como o historiador explica:

Se uma espécie ostenta muitas cópias de DNA, é um sucesso, e a espécie prospera. Em tal perspectiva, mil cópias é sempre melhor que do que cem cópias. Essa é a essência da Revolução Agrícola: a capacidade de manter mais pessoas vivas em condições piores. (HARARI, 2016, p. 93)

A segunda interpretação de sucesso de uma espécie é a qualidade de vida que ela tem. Durante grande período de nossa história, a maioria da população viveu passando grandes dificuldades. A Revolução Agrícola trouxe consigo a criação de elites que dominam o resto da população e têm uma condição de vida muito melhor. Então, pensando nesses dois diferentes fatores de sucesso de uma espécie, nós obtivemos sucesso? Agora direcione essas questões a outras espécies. A soja e o trigo obtiveram sucesso? Os cães e gatos obtiveram sucesso? E as vacas, galinhas e porcos?

Além de cuidar da plantação, os humanos começaram a criar animais os mantendo em um determinado perímetro de terra e fazendo os mais dóceis procriarem entre si, tornando-os cada vez mais submissos. Conforme nós fomos nos multiplicando pelas diferentes regiões do mundo, os animais também foram. O autor dimensiona o tamanho dessa multiplicação e voltamos a questão do êxito de uma espécie:

Há dezenas de milhares de anos, não mais de alguns milhões de ovelhas, vacas, cabras, javalis e galinhas viviam em nichos seletos na África e na Ásia. Hoje o mundo tem cerca de um bilhão de ovelhas, um bilhão de porcos, mais de um bilhão de cabeças de gado e mais de 25 bilhões de galinhas. E eles estão pelo mundo todo. As galinhas domesticadas são as aves mais disseminadas até hoje. Depois do Homo sapiens, o gado, o porco e a ovelha são, nessa ordem, os grandes mamíferos mais difundidos no mundo. De uma perspectiva estritamente evolutiva, que mede o sucesso de uma espécie pelo número de cópias de DNA, a Revolução Agrícola foi uma grande vantagem para galinhas, vacas, porcos e ovelhas. (HARARI, 2016, p. 93)

Não bastou apenas deixar os animais “brandos” através de cruzamentos com outros animais também submissos. Foram necessárias outras técnicas como o uso de arreio, chicote, castração e mutilações. Assim foi possível tornar os animais obedientes, amansar seus instintos, quebrar seus laços sociais, assim como sua agressão e sexualidade (HARARI, 2016).

E deste modo o ser humano começou a explorar os animais da forma que quis, sem se preocupar com as consequências dessa exploração. O tratamento dado aos animais não-

humanos se naturalizou em todas as sociedades. Todavia, por mais que a grande maioria das pessoas ache que os bichos são nossos servos, em certo ponto da história movimentos pró-direitos dos animais começaram a emergir.

O mais antigo representante desses movimentos é Pitágoras. Considerado o “pai do vegetarianismo”, o filósofo grego defendia a eliminação do consumo da carne já em 500 anos antes de Cristo. Para ele “Enquanto o ser humano for implacável com as criaturas vivas, ele nunca conhecerá a saúde e a paz. Enquanto os homens continuarem massacrando animais, eles também permanecerão matando uns aos outros. Na verdade, quem semeia assassinato e dor não pode colher alegria e amor”. Durante a história, outros pensadores e artistas como Leonardo da Vinci, Percy Shelley, Michel de Montaigne, incluindo o líder espiritual Siddhārtha Gautama (Buddha), expuseram suas ideias que criticavam nosso consumo de carne. O reconhecimento dessas figuras históricas demonstra que a preocupação com os animais origina-se de um tempo muito mais antigo que as pessoas presumem.

Até o século XIX, quem não comia carne era chamado de “pitagórico” (seguidor de Pitágoras). A palavra “vegetariano” surgiu em 1842 em um texto escrito pelo filósofo vegano Amos Bronson. Em 1847 surgiu em Manchester, Inglaterra, a primeira sociedade vegetariana (FERREIRA e METELLO, 2005, 2011). O termo “vegano” foi criado em 1944 com a fundação da mais antiga sociedade vegana do mundo por Donald Watson, a “The Vegan Society”. Segundo a organização que cunhou o termo “O veganismo é uma forma de viver que busca excluir, na medida do possível e do praticável, todas as formas de exploração e crueldade com animais, seja para alimentação, vestuário ou qualquer outra finalidade [...]” (CHAVES, 2015).

No Brasil, a questão animal é mais recente. A Sociedade Vegetariana Brasileira completou 10 anos em 2013. A organização considera “[..] o vegetariano aquele que exclui de sua alimentação todos os tipos de carne, aves ou peixes e seus derivados, com ou sem a utilização de laticínios ou ovos. O vegetarianismo inclui o veganismo.” (SLYWITCH, 2010).

Associações como The Vegan Society e a Sociedade Vegetariana Brasileira trabalham para promover o vegetarianismo e veganismo através de ativismo político, campanhas e eventos. Procuram a conscientização e o acesso a produtos “livres de crueldade”.

2.2 A RELAÇÃO ENTRE ANIMAIS HUMANOS E NÃO-HUMANOS

A cultura em que estamos envolvidos, dita muito a forma que nos comportamos, nossos gostos e costumes. Vivemos em um mundo onde a cultura majoritária

vê a carne como centro da alimentação. A importância da carne é ainda maior quando estamos inseridos em culturas como a gaúcha, onde o churrasco, o cavalo, rodeio e outras atividades campeiras têm grande valor cultural. Segundo o antropólogo norte-americano Carleton S. Coon “[...] Para os propósitos presentes, podemos considerar a cultura em geral como a soma total dos modos pelos quais os seres humanos vivem, transmitindo pelo ensino de geração em geração. [...] A cultura é a soma total das coisas que o povo faz em consequência do ensino que recebeu.” (COON, 1960, p. 12). Assim, pode-se dizer que o consumo de carne é um hábito passado de geração em geração, tendo um aspecto cultural muito forte por esse motivo. A psicóloga Melanie Joy faz algumas indagações:

Já se questionaram por que comem certos animais e não outros? Já questionaram por que não se questionaram? Durante grande parte de minha vida, nunca questionei as minhas opções alimentares, porque eu nem sabia que tinha uma opção. Nunca me questionaram se eu achava correto comer animais. Comer animais era um dado adquirido. Nunca percebi como era estranho eu poder fazer carinho em meu cachorro com uma mão enquanto comia uma costela de porco com a outra. (Fala feita durante a palestra Além do Carnismo, TED Talks, 2015).

A forma como é normalizado o tratamento dado aos animais, faz com que não pensamos direito sobre o funcionamento da indústria alimentícia, como é exemplificado aqui:

Os corpos depenados e limpos dos frangos são então vendidos a milhões de famílias que roem seus ossos, sem parar por um instante para pensar que comem o corpo morto de uma criatura que já foi viva, ou para perguntar o que foi feito com aquela criatura para que se tornasse possível comprá-la e comê-la. (...) como poderão saber que o sistema de produção de massa da empresa sozinho mata 6,8 milhões de aves por semana, e que, como muito outros produtores de frangos corta-se os bicos das galinhas para evitar que se tornem canibais devido o estresse da vida no aviário moderno? (SINGER, 2010, p. 155)

Nossa cultura está intrinsecamente ligada a forma que lidamos com os animais. Com a revolução agrícola, a domesticação dos animais começou. Dentro desse processo, o ser humano achou-se no direito de explorar os animais não-humanos conforme suas necessidades, sem uma maior reflexão ou consideração sobre os direitos dos outros seres. O fato é que os humanos alcançaram o progresso à custa dos animais não-humanos. Nessas condições, nos colocamos como superiores aos outros seres vivos e portanto, justificamos o mau tratamento dado aos animais por eles estarem numa posição inferior. Ao discriminarmos uma espécie, dando valores diferentes a elas, considerando certo que algumas virem comida e que outras devam ser protegidas, estamos sendo especistas. A discriminação baseada em espécie, assim como diferenças de tratamento baseadas em critérios de classe social, religião, sexo ou raça, é

eticamente injustificável. Segundo o filósofo Peter Singer, especismo “[...] é o preconceito ou atividade tendenciosa de alguém a favor dos interesses de membros da própria espécie contra os outros.” (SINGER, 2010, p. 11). Esse conceito é uma das bases da exploração animal.

Em um viés da ética, nos deparamos com diversos questionamentos sobre esse tipo de discriminação. O especismo envolve-se com questões ligadas à capacidade de raciocinar e sentir dor dos seres vivos. Peter Singer coloca a capacidade de sentir dor como parâmetro ético acima dos outros:

[...] Mas um cavalo ou um cão adultos são incomparavelmente mais racionais e comunicativos do que um bebê de um dia, de uma semana, ou até mesmo de um mês. Suponho, porém, que as coisas não fossem assim, que importância teria tal fato? A questão não é “Eles são capazes de raciocinar?”, nem “são capazes de falar?”, mas sim, “Eles são capazes de sofrer?” (SINGER apud BENTHAM, 2010, p. 12)

Senciência é chamada a “capacidade de sofrer ou sentir prazer ou felicidade” (SINGER, 2002). É sabido pela ciência que animais vertebrados, como peixes, répteis, anfíbios, aves e mamíferos são sencientes. E não só isso, eles tem senso de autopreservação, ou seja, eles querem viver e buscam se manterem vivos. Ainda segundo o autor:

Se um ser sofre, não pode haver justificativa moral para deixar de levar em conta esse sofrimento. Não importa a natureza do ser, o princípio de igualdade requer que seu sofrimento seja considerado da mesma maneira como são os sofrimentos semelhantes na medida em que comparações aproximadas possam ser feitas - de qualquer outro ser. Caso um ser não seja capaz de sofrer, de sentir prazer ou felicidade, nada há a ser levado em conta. (SINGER apud BENTHAM, 2010, p. 14)

É evidente que tratamos os animais não muito diferentes de como tratamos objetos. Não apenas objetos, mas os consideramos propriedades e se eles são protegidos, são porque estão ligados ao conceito de propriedade. Se não fossem “nossos”, sua simples existência não os protegeria porque os direitos dos animais estão ligados profundamente com os direitos do proprietário. Os animais por si só, têm pouquíssimos direitos.

Quando pesquisamos quais direitos os animais têm, encontramos a Declaração Universal dos Direitos dos Animais (UNESCO 1978), feita três anos depois da publicação do livro *Libertação Animal* de Peter Singer. A declaração afirma o respeito aos animais e sua existência. Destacamos alguns artigos da declaração que achamos relevantes para a discussão. Tomaremos o exemplo da declaração da UNESCO de como os direitos dos animais são contraditórios:

Art. 1º - Todos os animais nascem iguais perante a vida e têm os mesmos direitos à existência.

Art. 2 .2 - O homem, como espécie animal, não pode exterminar outros animais ou explorá-los violando esse direito; tem o dever de pôr os seus conhecimentos a serviço dos animais.

Art. 7º - Todo o animal de trabalho tem direito a uma limitação razoável de duração e de intensidade de trabalho, a uma alimentação reparadora e ao repouso.

Art. 8º .1. - A experimentação animal que implique sofrimento físico ou psicológico é incompatível com os direitos do animal, quer se trate de uma experiência médica, científica, comercial ou qualquer que seja a forma de experimentação.

Art. 8º .2 - As técnicas de substituição devem ser utilizadas e desenvolvidas.

Art. 9º - Quando o animal é criado para alimentação, ele deve ser alimentado, alojado, transportado e morto sem que disso resulte para ele nem ansiedade nem dor.

Art. 14º .1 - Os organismos de proteção e de salvaguarda dos animais devem estar representados a nível governamental.

Art. 14º .2 - Os direitos do animal devem ser defendidos pela lei como os direitos do homem.

Observando a declaração da UNESCO, pode-se dizer que ela é utópica ao confrontarmos o que está escrito com a realidade que vivemos. Ao aceitarmos que são ideias utópicas, ainda sim percebemos alguns pontos problemáticos que nos fazem questionar até as palavras bonitas escritas no papel. A mesma declaração que diz que os animais devem ser tratados bem, assume a possibilidade de existência de animais criados para o abate e assegura que eles devem ter uma boa morte. Se pôr um fim na vida de um ser que naturalmente viveria muitos mais anos é tratar ele bem, aceitamos que nossa ética é flexível aos nossos interesses. O filósofo Ricardo Timm de Souza traça um resumo da nossa relação com os animais não-humanos:

Máquinas vivas, alvos fáceis da vontade de destruição racional, objetos de exploração de todos os tipos, de tortura, de decoração e uso, sem falar em alimento sempre à mão, os animais experimentaram desde sempre todo tipo concebível de violência humana. Incapazes de argumentar senão com sua existência nua, expostos a todas as agruras por existirem sem poderem se contrapor a seres empenhados não apenas em reduzir obsessivamente a existência da realidade externa a uma função sua, mas em determinar absolutamente o valor de realidade do Outro que si mesmo exclusivamente a partir de categorias destiladas por seu próprio cérebro, algo mais desenvolvido em suas funções cognitivas, os animais não-humanos ocuparam sempre o lugar de alvo predileto de uso violento-objetificador da vida pelos animais humanos. [...] (SOUZA, 2007, p. 124)

Se distanciando da questão dos animais terem ou não direitos, Peter Singer desenvolve seus argumentos em direção à responsabilidade humana. Sua tese defende que temos deveres

com os animais não-humanos, que devemos considerar sua liberdade e bem-estar. Em síntese, é preciso haver leis que protejam os animais, mas mais do que isso, é necessário pessoas que defendam os interesses deles, já que eles não são capazes de fazer o mesmo.

É necessário um grande avanço no pensamento e comportamento humano para romper radicalmente o caminho da exploração animal. Trazemos conosco uma carga histórica de abuso de mais de dois mil anos que nossa cultura, costumes, crenças e principalmente sistema econômico, sustentam. O processo de mudança do status quo é gradual e lento. Ainda é se dado pouca importância sobre essas questões em nossa sociedade, até no meio acadêmico os estudos são recentes.

2.3 O VEGETARIANISMO

O sistema convencional de criação de animais acaba trazendo consequências socioambientais sérias que ratificam a necessidade de mudança no rumo das coisas. O vegetarianismo surge como uma escolha alimentar e prática cultural que abrange a busca pela solução desses problemas e a promoção de reflexões sobre ética, saúde, nossas relações com a natureza e nossa própria humanidade.

Considerado um ativismo alimentar, o vegetarianismo é um movimento que ganhou força nas últimas três décadas, disseminando ideias e atitudes de protesto. Ele não é um movimento simples, envolve temas controversos e complexos. Através do vegetarianismo, é possível relacionar questões econômicas, culturais, ambientais, sociais, políticas, filosóficas, etc.

O vegetarianismo como dieta, refere-se àqueles que não se alimentam de carne, com ou sem consumo de ovos ou laticínios. Na dieta vegetariana há três subgrupos: os ovolactovegetarianos que são indivíduos que consomem ovos e laticínios, os lactovegetarianos que são indivíduos que consomem laticínios e os ovovegetarianos que são indivíduos que consomem apenas ovos. Já o vegetarianismo estrito é atribuído aos que não consomem carne nem derivados, excluindo completamente produtos animais da dieta, ou seja, carnes, peixes, leites, ovos, mel. Vegetarianismo estrito é outra forma de chamar o veganismo, que além de excluir alimentos de origem animal da alimentação, também se isentam de consumir outros produtos como couro, pele, lã e cosméticos que promovem experimentos em animais. Além disso, boicotam eventos que exploram animais como rodeios e circos.

Segundo o médico Eric Slywitch (2010), uma dieta vegetariana pode ser seguida em todas as fases da vida humana, inclusive na infância e gestação. Ela é uma dieta saudável, rica de todos os nutrientes que o nosso corpo precisa, o que faz a diferença de uma dieta vegetariana ou vegana para os onívoros é a forma na qual a alimentação está sendo estruturada. Os principais alimentos para uma alimentação saudável são cereais, os pães e as massas, frutas, legumes e verduras, leguminosas e outros vegetais ricos em proteína. O médico faz um alerta sobre nossa alimentação:

Tendo em vista o crescimento do número de refeições feitas fora de casa, é desejável que restaurantes e afins auxiliem o brasileiro a encontrar opções de alimentação mais saudável, corrigindo o desequilíbrio entre o consumo excessivo de carne e a baixa ingestão de alimentos de origem vegetal apontado pelo Ministério da Saúde. (SLYWITCH, 2010, p. 47)

Grãos, frutas, verduras, hortaliças e leguminosas estão abundantemente presentes no dia-a-dia em supermercados e feiras. Antes de tudo, é importante saber como estão sendo feitas as refeições diárias para entender o que realmente é preciso para uma vida saudável.

Saúde é um dos grandes motivos da adoção do vegetarianismo. Estudos mostram que a dieta é mais saudável que as quais incluem alimentos de origem animal. Entidades como a OMS (Organização Mundial da Saúde) indicam malefícios na ingestão de carnes e pedem a diminuição do seu consumo (ONU, 2015). Estudos comprovam que uma dieta vegetariana pode suprir os nutrientes necessários à saúde humana. Evidências científicas relacionam o vegetarianismo com longevidade e a dieta com base em carne a problemas de saúde.

A questão ambiental é outra razão muito importante para a escolha do vegetarianismo. Quem adota esse estilo de vida, o vê como uma forma de diminuir o impacto na destruição do meio-ambiente, resultado do consumo excessivo de carne e produção industrial. A pecuária extensiva, principalmente, promove o desmatamento com intuito do aumento da produção sem medir suas consequências. O vegetarianismo é apontado como a atitude mais indicada para direcionar nossa sociedade ao equilíbrio entre o que precisamos para viver bem, o que a natureza precisa para ser preservada e os recursos disponíveis atualmente.

A ética e os direitos dos animais também são grandes pilares do vegetarianismo, como vimos anteriormente. Os estudos filosóficos encabeçam os movimentos veganos tamanha a força de seus conceitos. Os veganos buscam uma ética na alimentação e formas de consumo. Uma ética centrada na não-violência e no bem-estar animal. Para a filósofa Sonia T. Felipe (2008, p. 1), ética na alimentação é “como um projeto humano de buscar um princípio moral não relativo, aplicável à ação de comer, que possa ser aceito como válido por indivíduos

formados moralmente em diferentes padrões culturais”. Um exemplo de questionamento que desafia a ética é: se as necessidades humanas podem ser supridas sem o consumo de animais, devemos permitir que bilhões deles sejam abatidos por ano, apesar de seus sofrimentos?”.

O vegetarianismo é tratado como uma filosofia que necessita ganhar visibilidade na sociedade para ser discutida amplamente. Pessoas que vivem sob alienação do sistema têm o direito de saber o que estão comendo e de onde é a procedência de tais alimentos. Segundo relato do autor Peter Singer no seu livro *Libertação Animal*: “Foi somente após o movimento pela libertação animal ter começado a conscientizar as pessoas sobre o assunto que os responsáveis pelo comércio acerca de testes pensaram no sofrimento dos animais” (SINGER, 2010, p. 89). Quando algum assunto está escondido do olhar das massas, nada é feito. Mas quando as pessoas se movimentam e surge a resistência, ela torna-se o primeiro passo para que as grandes indústrias comecem a "mudar seus conceitos". O filósofo acredita que “Para interromper o especismo precisamos mudar a política de nosso governo e modificar nossas vidas, a ponto de alterar a alimentação.” (SINGER, 2010, p. 35).

O sistema, na maioria das vezes, mascara toda a exploração visando o lucro e produtividade, sendo cautelosos para não transparecer a realidade dos abatedouros e confinamentos onde os animais não-humanos são mantidos até chegar na prateleira dos supermercados. Segundo Melanie Joy (2015), o carnismo é uma ideologia dominante, está generalizada, comer carne é apenas como as coisas são. Muitos carnistas consomem carne, pois ela está relacionada, segundo eles, à cadeia alimentar como um processo natural. Mas o que muitos não se questionam é que por sermos seres evoluídos diante das demais espécies, livre para fazer escolhas, com uma farta opção de alimentos nas quais conseguimos obter na natureza com muita facilidade e meios, não é justo a morte de outro ser vivo para termos os nutrientes que necessitamos na nossa dieta (JOY, 2015).

3 DOCUMENTÁRIO

“Creio que a principal virtude de um documentarista é a de estar aberto ao outro, a ponto de passar a impressão, aliás verdadeira, de que o interlocutor, em última análise, sempre tem razão. Ou suas razões. Essa é uma regra de suprema humildade, que deve ser exercida com muito rigor e da qual se pode tirar um imenso orgulho.” (EDUARDO COUTINHO, 2008)

Neste capítulo, trataremos sobre documentários expositivos, subgênero em que se enquadra o documentário que produzimos. Além disso, no subcapítulo “Documentário - Libertação Animal”, apresentaremos a ideia do projeto experimental seguido do roteiro-base.

3.1 DOCUMENTÁRIO EXPOSITIVO

Segundo Bill Nichols (2010), documentário é uma obra audiovisual de caráter não-ficcional, construído através do recorte e linguagem escolhida pelo cineasta. Tal como outros audiovisuais, o documentário passa pelas etapas de pré-produção, produção e pós-produção. O tema que quer se explorar é estudado, personagens são escolhidos, são feitas as gravações e por seguinte, a decupagem, montagem e finalização, etc.

Documentários não devem ser conceituados como uma mera reprodução da realidade, já que se utilizam de diversas técnicas cinematográficas para apresentar o assunto tratado. A simples presença da câmera já afasta a possibilidade de captarmos a realidade “legítima”. Porém, documentários podem apresentar a realidade de assuntos específicos, através do conjunto de técnicas, recursos e linguagens escolhidas pelo documentarista. Todas as decisões tomadas pelo cineasta forma o chamado “recorte”, que compõe desde a escolha dos entrevistados até o modo no qual eles são enquadrados.

Os documentários são formas de contar histórias mostrando a realidade através de múltiplos prismas, além de serem peças importantes para a preservação da memória coletiva. Filmes documentais podem ser agentes de debates e reflexões sobre diferentes realidades, trazendo à tona temas de extrema relevância para a sociedade. Sobre como os documentários lidam com temas de relevância política e social, Nichols diz que:

O vídeo e o filme documentário constituem uma tradição que tem abordado exatamente esse ponto, de maneira às vezes imperfeita, às vezes eloqüente. Eles avançam em relação a todo o trabalho que foi feito antes, abordando questões, examinando situações, envolvendo os espectadores de formas as quais continuarão a instruir e agradar, comover e convencer. Sua história pertence ao futuro e aos esforços que ainda estão por vir e que ampliarão a tradição existente enquanto se esforçam para levar a cabo o mundo em que ainda temos de criar. (NICHOLS, 2010, p.209)

É possível observar que comumente os documentários tratam sobre temas de questões sociais, políticas e que buscam iniciar discussões de interesse público. Bill Nichols (2010) categoriza seis modos de produzir documentários: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático. Tendo em mente que temos como objetivo iniciar um debate abrangente sobre libertação animal, alcançando o público geral, decidimos por construir nosso documentário de acordo com o modo expositivo. Nichols (2010) define que esse modo “ênfatisa o comentário verbal e uma lógica argumentativa” e que “[...] agrupa fragmentos do mundo histórico numa estrutura mais retórica ou argumentativa do que estética ou poética” (NICHOLS, 2010, p.142). Sendo assim, concluímos que o modo expositivo é o que mais se adequa a nossa visão audiovisual e ao nosso objetivo comunicacional.

A montagem em documentários de modo expositivo segue a lógica da argumentação, sem se preocupar com uma continuidade temporal e espacial. As entrevistas são postas de acordo com a argumentação textual. No caso de nosso documentário, ela é formada pelos depoimentos e pelas imagens colocadas entre eles. A ordem que as entrevistas são montadas vai de encontro ao objetivo de criar unidades em torno de argumentos. Ou seja, os depoimentos são colocados de modo que o “entrevistado 1” fortaleça o argumento do “entrevistado 2 “ e assim por diante, criando-se um grande argumento, uma unidade coesa argumental. Por outro lado, também existe a possibilidade de mostrar que o assunto possui discordâncias. Para conseguir esse efeito, é necessário contrapor argumentos.

Apesar de que o modo expositivo esteja muito ligado ao uso de *voice over*, optamos por não utilizarmos esse recurso em nosso filme. Toda a narrativa é construída através das imagens complementares e o que é dito pelos entrevistados.

3.2 DOCUMENTÁRIO – LIBERTAÇÃO ANIMAL

Nosso documentário foi desenvolvido com o intuito de levar a discussão sobre os direitos dos animais até um público que normalmente não teria contato com os conceitos

básicos sobre o tema. Este público visado é mais distante do jovem, acadêmico e já engajado na causa. Para isso, o documentário vale-se de depoimentos de veganos que utilizam de suas vivências para transmitir ao público suas visões e argumentar sobre a questão animal. Dentre os vegetarianos estritos, estão uma estudante de nutrição, um filósofo, um empresário e um líder ativista. Também foram entrevistados uma estudante de biologia e um historiador, entretanto suas entrevistas acabaram não entrando no corte final do documentário.

Além de depoimentos, o filme é estruturado com cenas que pontuam cada bloco das entrevistas. Os chamados “respiros” são sequências de imagens que marcam o início de cada assunto tratado. Produzida pensando-se numa abordagem simples e objetiva sobre a causa animal não-humana, a narrativa do documentário é ditada pelos entrevistados, intercalados por essas sequências que são formadas por imagens relacionadas com o tema, tal como feiras de alimentos orgânicos, animais, restaurantes e o cotidiano da cidade.

O documentário “Libertação Animal” inspira-se no título do livro de 1975 de mesmo nome, do filósofo Peter Singer. Considerado a maior referência do movimento animal, o livro de Singer sustenta a ideia de que os animais humanos e não-humanos são iguais, baseando-se na capacidade comum de sentirem dor. O título do filme também foi pensado de maneira que cause curiosidade e interesse em quem o aviste. Talvez a maioria das pessoas nunca tenha pensado nos animais como seres oprimidos, talvez nunca tenham associado o conceito de liberdade aos animais e os questionamentos que surgem ao pensarmos sobre isso.

Escolhemos a maioria dos entrevistados para o documentário a partir da rede social Facebook. Fizemos uma postagem no grupo “Vegs e Aliados Santa Maria” onde apresentávamos nossa proposta e convidávamos a comunidade a participar do filme. O grupo no Facebook é o maior coletivo online de vegetarianos, veganos e simpatizantes da causa em Santa Maria. Ele foi criado e é administrado por Leandro Hundertmarck, que acabou sendo um de nossos entrevistados. O grupo é um local para trocas de ideias, onde os membros buscam dicas, receitas e indicações. A comunidade online oferece documentos que catalogam informações de opções “vegs” na cidade, como um mapa colaborativo marcando pontos de interesse para esse público.



**Figura 1 – Frame do documentário “Libertação Animal”. Imagem usada nos “respiros”.
Fonte: arquivo pessoal dos autores.**

3.3 PROJETO DE DOCUMENTÁRIO

O documentário “Libertação Animal” versa sobre o vegetarianismo e veganismo. Em seus 22 minutos de duração, o filme expande o assunto, desenvolvendo especialmente argumentos sobre ética, cultura, meio-ambiente e saúde.

A cidade de Santa Maria, notavelmente jovem e universitária, há cerca de 10 anos vem se tornando referência quando se trata em opções para consumidores “vegs”. A existência de um público consciente e engajado em uma causa, somado aos estabelecimentos dedicados a eles, fazem Santa Maria se destacar no interior do estado do Rio Grande do Sul, não só seguindo tendências da capital Porto Alegre, mas do mundo.

No Brasil, segundo o IBOPE (2018), são 30 milhões de vegetarianos. O que primeiramente pode ser visto apenas como uma restrição alimentar, acaba-se se revelando uma forma de posicionamento crítico ao modo como a sociedade explora os animais e nossos recursos naturais. Principalmente embasados por relatórios como da ONU que apontam a necessidade da diminuição do consumo de carne devido ao tremendo impacto que causa no ambiente, questões éticas e filosóficas que norteiam nossa relação com os animais, e estudos que atestam a não necessidade de uma dieta carnívora para ser saudável (muito pelo contrário), os “vegs” buscam seguir uma vida consciente através de mudanças nos seus hábitos de consumo. O documentário “Libertação Animal” surge como reflexo a essa

tendência mundial e preocupação pelo futuro, que busca repensarmos o modo como vivemos, nos relacionamos e consumimos.

O assunto do documentário é abordado através de depoimentos de personagens que integram a comunidade vegetariana de Santa Maria. Apesar de cada entrevistado ser de diferentes áreas do conhecimento, como biologia, filosofia e nutrição, não ocorreram conflitos entre depoimentos e tivemos mais corroborações do que divergências. O documentário tem como personagens pessoas que compartilham de opiniões parecidas, grande parte participante da comunidade “veg” na cidade. Todos são cientes do que o vegetarianismo representa, a maioria são veganos. Os conflitos existentes no filme não ocorreram entre os personagens, mas sim o confronto de ideias progressistas veganas *versus* o espectador não iniciado no assunto.

O documentário se baseia no modo expositivo, no qual os argumentos são prioridade acima da estética. As entrevistas não são cobertas por outras imagens, esse tipo de recurso ocorrerá apenas nos intervalos entre os temas discutidos. Os personagens são responsáveis pela maioria da narrativa, não utilizamos *voice over*. Os depoimentos são estruturados de modo que os personagens falam com um entrevistador e não diretamente para a câmera, seguindo um estilo de entrevista consagrado pelos documentários. São utilizadas duas câmeras, uma enquadrando um plano aberto, mostrando o entrevistado e o cenário, e outra mais fechada no rosto do entrevistado. Escolhemos o uso duplo de câmeras por termos os equipamentos e pela possibilidade de alternarmos planos, aumentando a dinâmica do documentário e facilitando o corte na montagem do mesmo. Inicialmente a trilha sonora é provida por músicas disponibilizadas na internet, com direitos autorais livres. Futuramente planeja-se agregar ao documentário uma trilha sonora totalmente original, através de parcerias com músicos da Universidade.

O documentário tem como público-alvo pessoas interessadas em outros estilos de vida e preocupadas com o meio-ambiente e a causa animal. Pretendemos levar a discussão iniciada no documentário para além do meio acadêmico, chegando até pessoas que nunca tiveram contato com os conceitos de especismo, por exemplo. A expectativa é que a audiência goste do filme. Que ela termine de assistir e leve consigo novas informações e pontos de vistas. Que reflita sobre o assunto.

A parte do público que for vegano ou simpatizante, imaginamos que irá perceber o documentário como uma forma de conscientização e engrandecimento da cidade pela forma que ela abraça a comunidade “veg”. Já a parte do público que não tem contato com o assunto, presumimos que achará a temática intrigante e reveladora.

Sobre a divulgação da obra, o documentário será preliminarmente oferecido para ser exibido publicamente, seja em salas de aula, Programas de Educação Tutorial (PET), ongs, fóruns, congressos, grupos de direitos dos animais, eventos ligados ao tema, etc. A ideia é fomentar a discussão sobre o assunto através do formato dos cineclubes, onde juntamente com a exibição de filmes há discussões sobre a obra. Em um segundo momento, planeja-se deixar o documentário disponível em diversas plataformas de vídeo online, como Vimeo, Youtube e aproveitar o potencial de visualizações que o Facebook tem.

Esperamos produzir um documentário que mostre diferentes vozes que quando unidas formem argumentos que representem um recorte da realidade vegetariana em Santa Maria. Além disso, esperamos que o filme traga conceitos novos ao público, levando acima de tudo à reflexão sobre o tema e conseqüentemente sobre o mundo que vivemos.

O filme trata sobre vegetarianismo utilizando-se do contexto santa-mariense. O tema é explorado através de depoimentos de pessoas que residem na cidade e são vegetarianas ou veganas. Os personagens do documentário não têm ações além dos depoimentos. Fora das entrevistas, as únicas ações são das cenas utilizadas nos intervalos, tais como pessoas se servindo em restaurantes, imagens de animais e outros ambientes ligados ao vegetarianismo.

3.4 ROTEIRO BASE

Roteiro do Documentário

Roteirista: Alan Orlando	Tempos estimado: 22 minutos
Versão: 4	

VÍDEO	ÁUDIO
Começo tela preta. Fade in e fade out do título do documentário e crédito dos diretores;	Som ambiente de um restaurante; Burburinhos de pessoas conversando; Sons de talheres e pratos batendo.
Imagens diversos pratos de comidas em um restaurante. Homem indeciso com prato na mão avalia as opções antes de se servir;	Som ambiente de um restaurante;
BLOCO I – tema: nossa relação com os animais não-humanos;	Som direto das entrevistas;
INTERVALO I – imagens de cobertura: Outra pessoa servindo-se no restaurante com opções vegs;	Som ambiente de um restaurante; Burburinhos de pessoas conversando; Sons de talheres e pratos batendo.
BLOCO II – tema: especismo. Por que exploramos os animais?;	Som direto das entrevistas;
INTERVALO II – Imagens de animais na publicidade pela cidade; Representações;	Trilha sonora;
BLOCO III – tema: Como se tornaram vegs?;	Som direto das entrevistas;
INTERVALO III – Imagens feira popular na praça;	Trilha sonora;
BLOCO IV – tema: Reação das pessoas a mudança para o veg;	Som direto das entrevistas;
INTERVALO IV – Imagens de alguns animais utilizados para consumo;	Trilha sonora;
BLOCO V – Santa Maria e o Vegetarianismo.	Som direto das entrevistas;

4 DIÁRIO DE CAMPO

Neste capítulo, detalharemos as três etapas do processo de produção do documentário “Libertação Animal”: pré-produção, produção e pós-produção. Finalizamos o capítulo expondo nossas considerações finais sobre o projeto experimental.

4.1 PRÉ-PRODUÇÃO

A nossa pesquisa começou na disciplina de Teoria e Método de Pesquisa II, no sexto semestre do curso. Fomos atrás de artigos, livros, monografias e dissertações para elaborarmos o pré-projeto. Nessa etapa, tratávamos o vegetarianismo em Santa Maria como uma “cena”. A partir do TCC I, mudamos essa perspectiva, pois vimos que o conceito de “cena” se encaixaria melhor se o vegetarianismo fosse um fenômeno cultural, como uma “cena musical” é. Sendo assim, abandonamos a ideia e tratamos o vegetarianismo na cidade como o reflexo de uma comunidade preocupada em mudar seus hábitos de consumo. Grande parte da fundamentação teórica do projeto experimental foi pesquisada antes do TCC I.

Desde que começamos a pensar sobre o Trabalho de Conclusão de Curso, sabíamos que queríamos trabalhar com audiovisual. Aliamos essa vontade com um assunto que achamos relevante, instigante e que não é muito tratado no Brasil como é o vegetarianismo.

Tivemos mais acesso a artigos e dissertações online do que livros sobre o assunto. Os livros que se relacionam com o tema ou foram adquiridos por nós, ou conseguimos emprestados. Nossas maiores referências sobre o assunto foram os documentários agora popularizados pela internet e serviços de streaming como Terráqueos de 2005 (também citado por nossos entrevistados), Cowspiracy de 2014 e Speciesism: The Movie de 2013, dentre outros audiovisuais online, sendo muito marcante para nós a palestra “Além do Carnismo” que a psicóloga Melanie Joy apresentou no Ted Talks em 2015. Inclusive, usamos o livro escrito por ela que discute o viés psicológico do carnismo em nossa bibliografia.

O roteiro-base do documentário foi elaborado depois de todas as gravações serem finalizadas e a montagem iniciar. Devido ao assunto abordado pelo filme e os processos escolhidos em sua criação, não foi possível escrever anteriormente um roteiro fechado. Como a maioria dos documentários, é difícil elaborar um script antes de saber ao certo os desdobramentos dos assuntos discutidos nas entrevistas, pois elas podem ser imprevisíveis.

Antes de haver um roteiro fechado, o que tínhamos era uma relação de imagens que pretendíamos usar no documentário e quais perguntas seriam feitas aos personagens. Sobre os motivos dos problemas de pensar um roteiro em documentários, Sérgio José Puccini Soares considera que:

A impossibilidade da escrita, na etapa de pré-produção, de um roteiro fechado, detalhado cena a cena, para filmes documentários ocorre ou em função do assunto ou da forma de tratamento escolhida para a abordagem do assunto. Documentários de arquivo, históricos ou biográficos, que tratam de eventos passados, podem muito bem ser “escritos” antes do início das filmagens. O mesmo já não ocorre se a abordagem do assunto exigir o registro de um evento que não esteja necessariamente vinculado à vontade de produção do filme, como documentários que exploram um corpo-a-corpo com o real, aspecto que define a estilística do documentário direto. (PUCCINI, 2007, p. 75)

A ausência de roteiro inicialmente pode causar insegurança aos documentaristas, apesar de que essa ausência possa ser valorizada como diferencial entre documentário e ficção (PUCCINI, 2007).

Ao definirmos nossos objetivos para o documentário, nos concentramos em escrever as perguntas que seriam feitas para os entrevistados e assim, como o assunto seria abordado. As perguntas foram pensadas depois que conseguimos os contatos de possíveis entrevistados no grupo do Facebook “Vegs e Aliados Santa Maria”. Elaboramos as perguntas considerando o perfil de cada indivíduo. Os questionamentos foram divididos entre perguntas gerais, que faríamos para todos os entrevistados, e perguntas específicas, que dependiam da área que o entrevistado atuava. Além disso, criamos perguntas condicionadas ao sujeito ser “veg” ou não. Então, quem era da área da nutrição, responderia um questionário diferente de quem era da área da filosofia, por exemplo. As séries de perguntas podem ser vistas no apêndice ao final do projeto. Elaboramos perguntas para as áreas de medicina veterinária e advocacia, mas acabamos não entrevistando pessoas desses meios.

Como parte integrante da pré-produção de documentários, está a proposta de filmagem. Em suma, os cineastas devem fazer um projeto que expresse suas visões para o documentário que querem produzir. O intuito dessa proposta é vender a ideia e conseguir o financiamento necessário para a produção do documentário. Na produção de nosso projeto de documentário, mesclamos as sugestões de propostas de dois autores: Rosenthal (1996) e Rabiger (1998).

Abaixo apresentamos uma breve descrição dos personagens do filme, o motivo pelo qual os escolhemos e como entramos em contato:

ALEXANDRE DRUZIAN – É empresário dono de um restaurante 100% vegano em Santa Maria. Tornou-se um personagem do documentário devido a sua profissão, por ser

vegano, ter conhecimento sobre o mercado “veg” e ter contato constante com o público vegetariano na cidade.

LEANDRO HUNDERTMARCK – É um dos ativistas veganos pioneiros em Santa Maria. Administrador do maior grupo “veg” da cidade no Facebook (“Vegs e aliados Santa Maria”), tem grande influência e contatos. Tornou-se personagem por essas razões, além de ser vegano.

GABRIELA FURTADO – É estudante de nutrição na UNIFRA. Foi convidada a participar do documentário depois de ser indicada em um post que fizemos no grupo “Vegs e aliados Santa Maria”. Achamos importante a inclusão de alguém com conhecimento sobre nutrição e que fosse adepta ao veganismo. Além disso, ela atua como produtora artesanal, elaborando itens veganos de forma independente, fazendo vendas diretas e para estabelecimentos na cidade.

GABRIEL GARMENDIA – Gabriel foi convidado a participar do documentário depois que vimos uma palestra dele sobre ética interespecie e de autodefesa. Queríamos alguém no filme que pudesse falar sobre ética relacionada a animais não-humanos. Gabriel é filósofo e doutor em Ética Global. Defensor dos animais, desenvolve pesquisas em áreas como direito interespecie, bioética e ética interespecie.

ALICE KLÜSENER – É formanda em biologia na UFSM. Entramos em contato com ela depois que se ofereceu em nos ajudar no post do grupo no Facebook. Ela tornou-se personagem, pois queríamos alguém para falar sobre monocultura e seus impactos no meio-ambiente. Alice não é vegetariana, mas é simpatizante e busca a diminuição do consumo de carne.

GUILHERME BERTONCELLI – Guilherme é estudante de história na UFSM. Conseguimos contato dele por razão de sua amizade com a Anita. Achamos importante a participação de uma pessoa com conhecimento em história porque queríamos falar sobre o contexto histórico desde antes da revolução agrícola.

QUADRO 1 - FICHA TÉCNICA DO DOCUMENTÁRIO

TÍTULO DO PROJETO	Libertação Animal
TIPO DE DOCUMENTÁRIO	Expositivo
ASSUNTO TRATADO	Vegetarianismo e direitos dos animais com contexto santa-mariense

FORMATO	Full HD - 16:9
DURAÇÃO	22' 11"
DIREÇÃO E PRODUÇÃO	Alan Orlando e Anita Vasconcelos Felix
DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA	Alan Orlando e Anita Vasconcelos Felix
MONTAGEM	Alan Orlando
OPERADOR DE ÁUDIO	Alan Orlando

4.2 PRODUÇÃO

A etapa de produção é a fase onde as gravações iniciam. As entrevistas, ao todo seis, aconteceram em diversas locações, sendo uma opção estética não fazê-las em um estúdio, já que queríamos uma variedade de cenários. Ao mesmo tempo, nosso documentário não se preocupa tanto com o visual, seguindo a ideia convencional do modelo expositivo que prioriza os argumentos acima da estética.

QUADRO 2 - TABELA DE ENTREVISTADOS E LOCAÇÕES

ENTREVISTADO	LOCAL
Gabriel Garmendia	Biblioteca Setorial CCSH UFSM
Alice Klüsener	Bosque UFSM
Guilherme Bertoncelli	Jardim do apartamento - Anita
Gabriela Furtado	Apartamento da entrevistada
Leandro Hundertmarck	Fest Bistrô
Alexandre Druzian	Fest Bistrô

As locações foram definidas considerando se o ambiente combinava com o perfil do entrevistado, conforme a disponibilidade de cada um, condições climáticas, luz e ruídos. Não tínhamos equipamentos de iluminação, o que acelerou o processo para que adquiríssemos lentes de maior abertura, possibilitando gravar em ambientes não tão bem iluminados. Os áudios foram gravados com um lapela conectado a um gravador de som. Para imagens, utilizamos duas câmeras em todas as entrevistas para variar os planos e podermos fazer cortes no meio sem causar o estranhamento das *jump-cuts*.

A variação de enquadramentos cria também uma maior dinâmica visual para o documentário, dinâmica muitas vezes usada para combater a monotonia de uma entrevista longa tomada em plano único sem variação de enquadramentos. A mudança de enquadramento pode facilitar a edição minimizando o efeito do chamado jump-cut que ocorre na junção de dois planos, com o mesmo enquadramento de uma mesma pessoa, tomados, em situações diferentes, com a câmera em uma mesma posição. (PUCCINI, 2007, p. 139)

A dinâmica das entrevistas funcionava assim: com as duas câmeras estáticas em tripés, uma enquadrando um plano mais aberto e outra um mais fechado; O gravador situado perto do entrevistado, em cima de um tripé menor; E enquanto um de nós ficava posicionado sentado na altura do entrevistado fazendo as perguntas, outro ficava monitorando e operando as câmeras e o gravador.

Todas as gravações foram feitas por nós, utilizando equipamentos próprios. Durante o período de produção fomos melhorando nossas opções técnicas. Adquirimos lentes de 50mm e abertura 1.8 por sua boa profundidade de campo, abertura de íris e custo-benefício. Planejamos e gravamos o documentário com configurações de vídeo 1920 x 1080 (Full HD) e em 23,976 frames por segundo, buscando uma estética mais perto da cinematográfica.

QUADRO 3 - TABELA TÉCNICA DE GRAVAÇÕES

SUPORTE	ÁUDIO	CÂMERAS	LENTE	CONFIGURAÇÕES	PLANOS
03 TRIPÉS (2 câmeras, 1 gravador)	GRAVADO R ZOOM H5; LAPELA SONY ECM-CS3;	01 CÂMERA DSRL CANON T6i 01 CÂMERA DSRL CANON T6	02 CANON 50MM 02 CANON 18-55MM	1920 x 1080 (FULL HD); 23,976 fps; PERFIL DE COR NEUTRO: 3, -4, -4, 0	FECHADO; ABERTO.

As gravações das entrevistas começaram em junho de 2018. Não encontramos muitas dificuldades, talvez por termos experiência nesse tipo de filmagem. As gravações das entrevistas eram feitas conforme era possível, sem seguirmos um cronograma. Dependíamos

da disponibilidade dos entrevistados, que nem sempre tinham os mesmos horários livres que nós. As imagens de cobertura foram gravadas espontaneamente. No pré-projeto já tínhamos definido que tipos de imagens queríamos, como de restaurantes, pessoas se alimentando, feiras de orgânicos, animais e cotidiano, então aproveitávamos dias de clima bom para irmos aos poucos gravando. Quando chegamos na etapa de edição do documentário, analisamos nosso material e definimos nossa forma de montagem, acabamos usando muito pouco das imagens de cobertura.

Em uma das gravações, utilizamos o método de encenação. Fomos até um restaurante e gravamos nosso amigo Vinícius Wollmann e um de nós, Alan, se servindo no buffet e almoçando. Tomamos essa decisão levando em conta que “No documentário, eventos encenados e decupados possibilitam ao diretor a utilização de um repertório expressivo, típico do filme de ficção, como a variação de planos que cria ritmo e dinâmica visual depois de montados.” (PUCCINI, 2007).

QUADRO 4 - TABELA DE REGISTRO DE GRAVAÇÕES

GRAVAÇÃO	DATA	DESCRIÇÃO
Leandro Hundertmarck	13/06/18	Entrevista
Imagens de cobertura I	15/06/18	Imagens cotidiano cidade. Imagens feira na praça. Imagens no restaurante Fest Bistrô.
Alice Klüsener	20/06/18	Entrevista estudante biologia
Gabriel Garmendia	27/06/18	Entrevista Filósofo
Imagens de cobertura II	13/08/18	Imagens pela Campus da UFSM.
Alexandre Druzian	16/08/18	Entrevista Empresário
Imagens de cobertura III	27/08/18	Imagens pela Campus da UFSM.
Gabriela Furtado	28/08/18	Entrevista estudante nutrição
Guilherme Bertoncelli	05/09/18	Entrevista estudante história
Imagens de cobertura IV	02/10/18	Cenas no restaurante Okay Café. Encenação.

No início do projeto planejávamos produzir um documentário com trilha sonora original, buscando parcerias com alunos da área da música na UFSM. Porém, acabamos desistindo da ideia e utilizamos uma trilha disponibilizada na internet com direitos autorais livres.

4.3 PÓS-PRODUÇÃO

A etapa de pós-produção do documentário ocorreu nos meses de setembro, outubro e novembro de 2018. Utilizamos o programa *Adobe Premiere Pro* para a decupagem, montagem, correção de cores, ajustes de áudio e finalização. O software foi escolhido por ser adequado as nossas necessidades, além da razão de termos familiaridade e facilidade em opera-lo. Todo o processo de pós-produção foi feito em nossos computadores pessoais, em casa.

Na decupagem, sincronizamos todas as câmeras e áudios captados nas entrevistas. Para cada personagem, criamos uma sequência, uma timeline própria. Então assistimos todos os depoimentos e colocamos marcadores em cada resposta do entrevistado, para assim quando fossemos montar o filme, localizarmos rapidamente o trecho da entrevista que nos era de interesse.

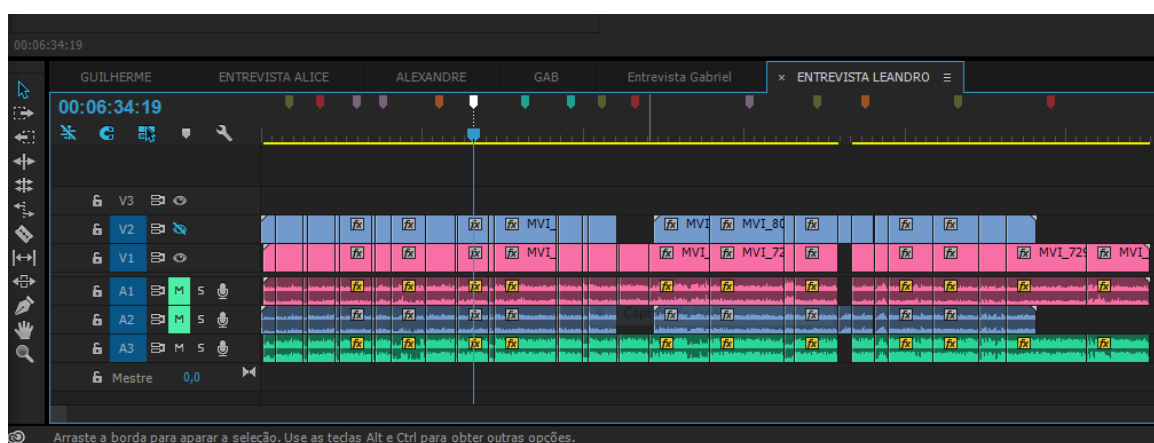


Figura 2 – Timeline do Premiere com as marcações feitas na decupagem.
Fonte: arquivo pessoal dos autores.

QUADRO 5 - TABELA REGISTRO DE ANDAMENTO DA PÓS-PRODUÇÃO

ETAPAS PÓS-PRODUÇÃO	DESCRIÇÃO	DATA
Decupagem	Organização do material, sincronização dos áudios e vídeos. Marcação dos assuntos discutidos.	01/09/18
Montagem versão 1	Começo da montagem. Primeira seleção de falas que entrariam para o documentário.	14/09/18
Montagem versão 2	Revisão dos depoimentos, exclusão de falas redundantes. Tentativa de melhorar o ritmo e a duração do documentário.	04/10/18
Montagem versão 3	Reordenação das falas para seguir um melhor fio narrativo. Inclusão das imagens de cobertura nos intervalos, trilha sonora e desenho de som.	27/10/18
Correção de cor	Ajuste de iluminação, realce das cores e combinação de imagens das duas câmeras.	05/11/18
Tratamento de áudio	Melhora do áudio das entrevistas. Suavização de ruídos.	10/11/18
Finalização	Revisão e fechamento de todas as etapas de pós-produção. Inserção de créditos e lower thirds.	12/11/18

Na montagem, fomos juntando os trechos das entrevistas que consideramos mais relevantes e interessantes seguindo uma estrutura lógica narrativa. Conforme a edição era revista, mais íamos aperfeiçoando-a. Partes inicialmente avaliadas como necessárias eram descartadas, assim como depoimentos redundantes. A cada revisão da montagem, tentávamos deixa-la com um ritmo e duração melhor.

As entrevistas feitas com Alice e Guilherme ficaram fora do corte final do documentário, pois resolvemos focar nos personagens veganos do filme. Segundo nosso discernimento, essa escolha fez mais sentido narrativo, porque observamos que a ideia de incluir falas sobre meio-ambiente e história, iriam ocupar muito tempo e destoar do resto do documentário. Apesar de não utilizadas, as entrevistas nos foram úteis como experiência audiovisual e base de conhecimento.

Depois de definido quais excertos das entrevistas entrariam na versão final do documentário, pensamos em soluções para deixa-lo mais dinâmico. Com este fim, definimos que o documentário se estruturaria com base em blocos temáticos onde as falas dos entrevistados alternam, formando argumentos. Cada bloco seria dividido por um “respiro”, um intervalo, momento de diminuir o ritmo da narrativa e dar um tempo para reflexão. Essas pausas consistem em imagens ou conjuntos de imagens fora do ambiente das entrevistas.

A correção de cor do documentário também foi feita através do software Adobe Premiere. Utilizamos o recurso Lumetri para realçar cores e aumentar a luminosidade de algumas imagens. Como teste de cor, assistimos o documentário em diversas telas, como notebook, projetor e TV, visando encontrar um padrão em nossas cores que ficassem bem em todos os suportes.



**Figura 3 – Antes e depois da correção de cor. Frame do documentário.
Fonte: arquivo pessoal dos autores.**

O desenho de som foi feito por nós. Igualamos os níveis de volumes das entrevistas, colocamos efeitos para suaviza-lo, como *fade ins* e *fade outs*. Também encaixamos os áudios ambientes e trilha nos momentos necessários. O áudio de algumas entrevistas precisaram de tratamento para diminuir ruídos. Utilizamos o software livre Audacity para esse fim.

Os GCs (também chamados de *lettering*) utilizados no filme servem para identificar o nome da obra, os autores, os entrevistados e todos os participantes da produção. Formados por uma tipografia simples e sólida, foram inseridos na última etapa da finalização. As *lower thirds*, grafismos com finalidade de identificar os entrevistados, seguem um padrão de indicar o nome e a função do depoente. Elas surgem em tela através de uma animação direcional e somem suavemente. Já os créditos seguem um formato consagrado no cinema, movendo-se de baixo da tela até desaparecer em sua parte superior.

Após todos os detalhes da finalização acertados, exportamos o vídeo em 1080P, 23.976 frames por segundo e no padrão de compressão H.264 para melhor qualidade possível.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada vez mais as pessoas estão preocupadas com sua saúde, bem-estar e o meio ambiente. As informações sobre estes temas levam a busca de caminhos para uma vida mais consciente e atenta as formas de consumo e nossas políticas ambientais. Para muitos, o vegetarianismo e o veganismo mostram-se como respostas, já que requerem uma mudança em nossos hábitos, muitas vezes normalizados pela sociedade. O fator ético acaba sendo adicionado a essas questões quando nos defrontamos com notícias sobre desmatamento, extinção de espécies e poluição *versus* a indústria e o agronegócio. O mesmo acontece quando ficamos inteirados sobre os conceitos de especismo, carnismo e direitos dos animais em geral.

Graças a popularização de informações e o ativismo de movimentos sociais, sabe-se mais sobre como a indústria alimentícia funciona e o que ela tenta esconder. Os estudos científicos e organizações ambientais nacionais e internacionais, apontam a necessidade de mudarmos nossos hábitos para alterarmos o destino de nosso planeta.

A juventude principalmente, tem um perfil de empatia e interesse por outras culturas, de abraçar novas ideais, de ser progressista. Santa Maria é uma cidade universitária que mostra essa tendência. O ativismo em favor dos direitos animais constrói-se a partir da necessidade do indivíduo em defender publicamente seus pontos de vista, aquilo que importa para sua existência e a existência do *outro*. O sujeito sente a urgência de defender os mais vulneráveis e lutar contra as injustiças. A luta se dá através da disseminação de informações, de ideias, da conscientização, de manifestações, eventos, discussões, palestras, pesquisas, criação de documentários, etc.

Nossos gostos e atitudes têm séria influência da cultura a qual estamos inseridos, dos costumes, tradições, família e religião. Porém há momentos em nossas vidas que encontramos informações, seja através de conversas, estudos, livros, ou filmes, que acabam nos causando reflexões sobre como vivemos e pensamos, impactando profundamente nosso comportamento.

Esperamos que nosso documentário seja uma obra que faz os espectadores questionarem-se pela primeira vez sobre assuntos que antes eles nunca foram confrontados e aí está a sua maior virtude. Quando o documentário expõem seus argumentos, os diferentes aspectos sobre a questão dos animais, nossa alimentação e seu impacto para o planeta é revisto. Esperamos que nosso filme traga consigo reflexões sobre o mundo e nossas atitudes, independente de gerar mudanças ou não na ótica do espectador. Idealizando, desejamos que o

público não acredite de primeira nas informações mostradas no filme, mas que vá em busca de confirmá-las.

O que nos motivou a produzir “Libertação Animal” foi nossa afinidade com a área audiovisual e o nosso grande interesse pelo tema do vegetarianismo e tudo o que engloba o bem-estar animal, ética, ativismo, saúde e meio-ambiente. Acreditamos que obtemos sucesso construindo um documentário expositivo que discute argumentos, apresenta informações relevantes e documenta o cenário atual.

Com a execução desse projeto experimental, ganhamos mais experiência no campo audiovisual, sendo participantes de todas as fases de produção de um documentário. Conseguimos criar uma obra autoral, com todos os equipamentos e custos bancados por nós. A gravação do documentário também nos proporcionou uma aproximação com a comunidade “veg” da cidade. Fizemos novas amizades e a diversidade de entrevistados ampliou nossa visão sobre o tema, já que tivemos contatos com outras áreas do conhecimento como nutrição, biologia, filosofia, história, etc. Além disso, lemos dezenas de artigos, monografias e dissertações em nossas pesquisas que nos indicam que os estudos sobre o assunto devem continuar, pois é um terreno ainda pouco explorado, ainda mais no nosso país, sobretudo pela comunicação social.

Produzimos conforme nossa vontade: um documentário que exalta a nossa cidade com grande referencial de mercado para “vegs”, com um público consciente e preocupado com seus hábitos de consumo, ao mesmo tempo que é aberto um espaço de discussão sobre como tratamos os animais em nossa sociedade, a ética por trás do assunto e a importância de garantir direitos a eles, além das consequências de nossa exploração para o meio-ambiente e saúde.

Com a difusão da internet, redes sociais e aplicativos, o comunicador observa que vídeos estão mais importantes do que nunca. Seja para transmitir uma ideia, conscientizar ou vender, essa linguagem mostra-se muito eficiente em nossos tempos, já que o público está acostumado e apegado a narrativa audiovisual. Nós não demoramos muito para sabermos que diante de tantos caminhos que o curso de Comunicação Social – Produção Editorial da UFSM oferece, o audiovisual seria nossa principal escolha. A faculdade torna o produtor editorial apto a trabalhar em muitos setores, mídias e plataformas. Dentro das cadeiras obrigatórias, temos duas de produção audiovisual. Para ter uma ideia de quão grande é o leque de abrangência do curso, estudamos disciplinas que conversam com o mercado editorial de livros e revistas; revisão e preparação de textos; marketing e gerenciamento de redes sociais; diagramação e design; e audiovisual. Essa diversidade de conhecimentos fazem o produtor

editorial um profissional com ampla capacidade de se adaptar, coordenar equipes e comunicar de forma transmidiática.

REFERÊNCIAS

- CARBORNAR, C. **#Govegan: veganismo, vegetarianismo e dever moral nos enquadramentos da mobilização pelos direitos dos animais no Brasil**. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Setor de Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- CASTELLS, Manuel. **O verdejar do ser: o movimento ambientalista**. In *O Poder da Identidade*. Tradução de Klauss Brandini Gerhard. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHAVES, Fabio. **Mais antiga e respeitada sociedade vegana do mundo atualiza sua identidade visual**. Vista-se, 27 de Abril de 2018. Disponível em: <<https://www.vista-se.com.br/mais-antiga-e-respeitada-sociedade-vegana-do-mundo-atualiza-sua-identidade-visual/>>. Acesso em: 15 de maio de 2018.
- COON, Carleton S. **A história do homem**. Belo Horizonte, MG : ed. Itatitaia, 1960.
- FELIPE, Sônia T. **A desanimalização do consumo humano: desafios da ética vegana**. Palestra proferida na abertura da Reunião de Fundação da Sociedade Vegana. São Paulo: 2010. Disponível em: <<http://sociedadevegana.org/artigos/desanimalizacao-do-consumo-humano-desafios-da-etica-vegana/>>. Acesso em: 22 de junho de 2018.
- FERREIRA, Sílvia; METELLO, Nuno. **O Vegetarianismo ao longo da História da Humanidade**. Associação Vegetariana Portuguesa, 31 de Março de 2005. Disponível em: <<https://www.avp.org.pt/historia-e-cultura/o-vegetarianismo-ao-longo-da-historia-da-humanidade/>>. Acesso em: 10 de maio de 2018.
- FERRIGNO, Mayra Vergotti. **Veganismo e libertação animal: um estudo etnográfico**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, São Paulo. 2012.
- HARARI, Y. N. **Sapiens – Uma Breve História da Humanidade**. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- IBOPE. **Vegetarianismo**. Disponível em: <<http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/14-da-populacao-se-declara-vegetariana/>>. Acesso em: 17 de agosto de 2018.
- JOY, Melanie. **Além do Carnismo - TED Talks**. 2015. (18m52s). Disponível em: <<https://youtu.be/GzS0hSeKVFw>>. Acesso em: 14 jun. 2018.
- JOY, Melanie. **Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas – Uma introdução ao carnismo**. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2014.
- NASCIMENTO, I. S. **Vegetarianos do Brasil: consumo x produção de carne**. Brasília: UNB/Centro de Desenvolvimento Sustentável, 2007. Disponível em: <http://www.unbcds.pro.br/conteudo_arquivo/090708_089C57.pdf>. Acesso em: 14 out. 2017.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus Editora, 2010.

ONU: **Consumo humano de carne processada e carne vermelha aumentam risco de câncer**. ONUBR, 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/onu-consumo-humano-de-carne-processada-e-carne-vermelha-aumentam-risco-de-cancer/>>. Acesso em: 05 de set. de 2018.

PUCCINI, Sérgio. **Documentário e Roteiro de Cinema: da pré-produção à pós-produção**. Tese (Doutorado em Multimeios) - Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Campinas. 2007.

PUCCINI, Sérgio. **Introdução ao Roteiro de Documentário**. DOC ON-LINE: REVISTA DIGITAL DE CINEMA DOCUMENTARIO, v. 6, p. 173-190, 2009.

RABIGER, Michael. **Directing Documentary**. Boston: Focal Press, 1998.

ROSENTHAL, Alan. **Writing, directing and producing documentary films and videos**. Carbondale: Southern Illions University Press, 1996.

SINGER. P. **Libertação Animal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SINGER, P. **Vida Ética**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. 420p.

SLYWITCH. Eric. **Virei vegetariano, e agora?** São Paulo: Alaúde Editorial, 2010.

SOUZA, R. T. de. **Ética e Animais – Reflexões desde o Imperativo da Alteridade**. In: Veritas, Porto Alegre. V.52, nº 2, junho de 2007, p.109-127.

TRIGUEIRO, Aline. **CONSUMO, ÉTICA E NATUREZA: O VEGANISMO E AS INTERFACES DE UMA POLÍTICA DE VIDA**. INTERthesis (Florianópolis), v. 10, p. 237-260, 2013.

Declaração Universal dos Direitos dos Animais. UNESCO: Bruxelas, Bélgica, 1978. Disponível em: <http://portal.cfmv.gov.br/uploads/direitos.pdf>. Acesso em outubro de 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTAS

PERGUNTAS GERAIS:

- 1 - Como você vê nossa relação com os animais não-humanos?
- 2 - Você tem contato com os conceitos de especismo e carnismo?

PERGUNTAS PARA VEGS:

- 1 - Desde quando é veg?
- 2 - Quais foram os motivos de se tornar veg?
- 3 - Como as pessoas reagem a sua opção?
- 4 - Como você vê a cidade quando se trata de opções para quem é veg?

MÉDICA VETERINÁRIA

- 1 - Qual a definição de senciência?
- 2 - Os animais são sencientes? quais?
- 3 - O que você sabe sobre experimentos em animais?
- 4 - Sendo vegana, que dificuldades você enfrenta no curso?
- 5 - A forma que tratamos os animais é de alguma forma discutida na universidade?

FILÓSOFO

- 1 - Fale sobre o que você entende sobre ética animal.
- 2 - Quais são os principais argumentos de Peter Singer em “Libertação Animal”?

HISTORIADOR

1 - Fale sobre a transformação ocorrida na revolução agrícola no que se refere nossa relação com a natureza.

2- Fale sobre a transformação ocorrida na revolução industrial no que se refere nossa relação com a natureza.

ADVOGADO

1 - Fale sobre o que você entende sobre ética animal.

2 - Que direitos os animais têm? (ex: unesco)

3 - A lei se contradiz quando se trata sobre os direitos animais?

NUTRICIONISTA

1 - Qual a diferença entre onívoro, carnívoro e herbívoro?

2 - A dieta vegetariana é deficiente? Pode-se viver bem? Nós precisamos de carne?

3 - Como você vê os profissionais da nutrição, eles estão preparados para atender pessoas vegetarianas (estritas ou não)?

4 - A forma que tratamos os animais é de alguma forma discutida na universidade?

BIÓLOGA

1 - Quais são as causas da monocultura?

2 - Quais são as consequências da monocultura? (impactos pecuária/agricultura, desmatamento, pouca biodiversidade, aquecimento global)

3 - Fale um pouco sobre a indústria alimentícia.

APÊNDICE B: CRÉDITOS FINAIS – LIBERTAÇÃO ANIMAL

DIREÇÃO E PRODUÇÃO: ALAN ORLANDO E ANITA VASCONCELOS FELIX

ROTEIRO: ALAN ORLANDO

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA: ALAN ORLANDO E ANITA VASCONCELOS FELIX

SOM DIRETO: ALAN ORLANDO

MONTAGEM: ALAN ORLANDO

DESENHO DE SOM: ALAN ORLANDO

FINALIZAÇÃO E CORREÇÃO DE COR: ALAN ORLANDO

ENTREVISTADOS:

ALEXANDRE DRUZIAN

GABRIELA FURTADO

GABRIEL GARMENDIA

LEANDRO HUNDERTMARCK

PROJETO EXPERIMENTAL DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – PRODUÇÃO
EDITORIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA SOB ORIENTAÇÃO
DO PROF. LEANDRO STEVENS

AGRADECIMENTOS:

ALICE KLÜSENER

GUILHERME BERTONCELLI

HELENA MOURA

APÊNDICE C: ROTEIRO ANTERIOR

Roteiro do Documentário

Roteirista: Alan Orlando	Tempos estimado: 28 minutos
Versão: 3	

VÍDEO	ÁUDIO
Começo tela preta. Fade in e fade out do título do documentário;	Som ambiente de um restaurante; Burburinhos de pessoas conversando; Sons de talheres e pratos batendo.
Imagens diversos pratos de comidas em um restaurante. Homem indeciso com prato na mão avalia as opções antes de se servir;	Som ambiente de um restaurante;
BLOCO I – tema: nossa relação com os animais não-humanos;	Som direto das entrevistas;
INTERVALO I – imagens de cobertura: Outro homem se serve no restaurante com opções vegs;	Som ambiente de um restaurante; Burburinhos de pessoas conversando; Sons de talheres e pratos batendo.
BLOCO II – tema: especismo. Por que exploramos os animais?;	Som direto das entrevistas;
INTERVALO II – Imagens de animais na publicidade pela cidade; Representações;	Som de animais que aparecem na tela;
BLOCO III – tema: Ética interespécie e direitos dos animais;	Som direto das entrevistas;
INTERVALO III – Sinais do vegetarianismo pela cidade;	Som de faca sendo afiada;
BLOCO IV – tema: Como se tornaram vegs?;	Som direto das entrevistas;
INTERVALO IV – Imagens feira popular na praça;	Som de alimento sendo descascado e cortado;
BLOCO V – tema: Reação das pessoas a mudança para o veg;	Som direto das entrevistas;
INTERVALO V – Homem comendo no restaurante;	Som ambiente de um restaurante;
BLOCO VI – Santa Maria e o Vegetarianismo.	Som direto das entrevistas;

APÊNDICE D: TERMO DE CESSÃO DE IMAGENS E VOZ**AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E RESPECTIVA CESSÃO DE DIREITOS
(LEI N. 9.610/98)**

Pelo presente Instrumento Particular, eu, _____
_____, RG N.º _____,
órgão expedidor _____ e do CPF/MF N.º _____, residente e
domiciliado _____ na

_____, por este e na melhor forma de
direito, AUTORIZO, de forma gratuita e sem qualquer ônus, os acadêmicas Alan da Costa
Orlando e Anita Vasconcelos Felix da Universidade Federal de Santa Maria, Curso de
Comunicação Social - Produção Editorial, responsáveis pela produção e realização do
documentário “Libertação Animal”, a utilização de minha imagem, voz e demais trabalhos
desenvolvidos, vinculados em material produzido durante o desenvolvimento, produção e
finalização da obra, tais como: fotos, vídeos, entre outros, em todos os meios de divulgação
possíveis, quer sejam na mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros),
televisiva (propagandas para televisão aberta e/ou fechada, vídeos, filmes, entre outros),
radiofônica (programas de rádio/podcasts), escrita e falada, Internet, Banco de dados
informatizados, Multimídia, “home video”, DVD, entre outros, e nos meios de comunicação
interna e externa, como jornal e periódicos em geral, na forma de impresso, voz e imagem.
Através desta, também faço a CESSÃO a título gratuito e sem qualquer ônus de todos os
direitos relacionada à minha imagem e voz, bem como autorais dos trabalhos, desenvolvidos,
incluindo as artes e textos que poderão ser exibidos, juntamente com a imagem ou não. A
presente autorização e cessão são outorgadas livres e espontaneamente, em caráter gratuito,
não incorrendo a autorizada em qualquer custo ou ônus, seja a que título for, sendo que estas
são firmadas em caráter irrevogável, irretratável, e por prazo indeterminado, obrigando,
inclusive, eventuais herdeiros e sucessores outorgantes. E por ser de minha livre e espontânea
vontade esta AUTORIZAÇÃO/CESSÃO, assino abaixo em 01 (uma) via.

Santa Maria, ____ de _____ de 2018.

Nome completo:

Telefone para contato:

E-mail: